

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA**

**O ENSINO DE HISTÓRIA NA EJA: EXPERIÊNCIA DOCENTE NA ESCOLA
MUNICIPAL PROFESSORA MARIA NIRA GUIMARÃES
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

*Iza Paula Lima Martins¹
Hiana Rodrigues da Silva Magalhães²*

RESUMO: Este estudo traz como temática o Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Destaca o papel do ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na perspectiva dos alunos idosos e de seu retorno à sala de aula. É baseado na experiência do estágio supervisionado em História I, do Curso Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara da Universidade do Estado do Amazonas (CESIT- UEA), sendo este desenvolvido na Escola Municipal Professora Maria Nira Guimarães, com alunos de 60 a 75 anos da EJA, no turno noturno a partir da proposta do projeto de ação pedagógico apresentado no relatório de Estágio I. Utiliza como método a pesquisa qualitativa, com bases na pesquisa bibliográfica e documental. Os resultados deste estudo mostram que o ensino de História na EJA vai além do conteúdo acadêmico, sendo um agente significativo na formação da identidade e da cidadania dos alunos idosos isso à medida que conecta o saber formal ao saber de vida.

Palavras-chave: Ensino. História. EJA. Estágio.

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) contempla um universo de pessoas jovens, adultas e idosas bastante diverso, com trajetórias de vida distintas, com ou sem repertório escolar prévio, que retornam à escola movidos por interesses e disponibilidades diferenciados. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) surge como uma medida mitigadora no atendimento dessa população que retorna à escola, porém um novo perfil de alunos adentra e se destaca nessa modalidade, o idoso.

O Estatuto do Idoso direciona alguns direitos que esse indivíduo tem a partir da Lei nº 10741 de 01/10/2003, que dispõe e dá algumas providências. Em seu primeiro artigo deixa claro que idoso é a pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. Entre outros artigos dessa lei, também está previsto que não é apenas obrigação dos familiares assistirem o idoso, mas sim

¹ Graduanda do curso de História do Centro de Ensino Superior de Itacoatiara da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: iplm.hst19@uea.edu.br

² Orientadora. Professora assistente do curso de História no Centro de Ensino Superior de Itacoatiara da Universidade do Estado do Amazonas –UEA. Mestra em História Social pela Universidade Federal do Amazonas UFAM. Email hrmagalhaes@uea.edu.br

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE ITACOATIARA – CESIT
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

da sociedade em geral, além do poder público. Considerando que este, inclusive tem direito ao acesso a uma educação de qualidade. (BRASIL, 2003)

Diante desse pressuposto, o Ensino de História na EJA assume uma concepção ampla de educação. Relacionada a constituição de identidade e cidadania considera os múltiplos processos de formação de sujeitos que constroem conhecimentos ao longo da vida, independente de idade. Desse modo, este estudo explora a temática da EJA no contexto do ensino de História para alunos em idade avançada. Analisa a prática do Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma unidade de educação básica na cidade de Itacoatiara, no interior do Amazonas.

Trata-se de uma narrativa reflexiva referente a experiência docente desenvolvida no âmbito das ações do Estágio supervisionado em História I, na Escola Municipal Professora Maria Nira Guimarães, no período correspondente ao dia 09 de agosto a 13 de setembro de 2023, com alunos de idades distintas, na faixa etária de 60 a 75 anos do ensino fundamental II, da EJA, no turno noturno.

O trabalho surgiu nas reflexões teóricas e conceituais possibilitadas pelas leituras e pelos debates executados em sala de aula no âmbito da disciplina Estágio Supervisionado em História I, disciplina do sétimo período do curso de graduação em Licenciatura em História, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) por meio do Ensino Presencial Mediado por Tecnologia (EPMT), ministrada pelos professores Me. Diego Omar, e Me. Pedro Marcos Mansour Andes, com o auxílio da professora Me. Hiana Rodrigues da Silva Magalhães.

O trabalho se estruturou, principalmente, nas experiências e inquietações vivenciadas enquanto professora em formação na modalidade de Educação de Jovens e Adultos na Escola Maria Nira, que possibilitaram estratégias distintas de como pensar e desenvolver o projeto com a turma de estágio, a partir de um projeto de ação pedagógica que teve como tema "Oficina de História: trabalhando o conceito de História Oral³ e Memória no Ensino da EJA".

Meihy (2005) explica que a história oral mantém um vínculo importante com a questão da memória e vice-versa. Para o autor, “a transposição das narrativas da memória para a história se dá na capacidade de diálogo entre a memória, a mediação da história oral e a história ou suas correlatas irmãs” (Meihy, 2005, p. 62). Em contexto educacional, isso é muito significativo,

³ Abordagem histórica que examina eventos recentes, e utiliza testemunhos. Conceito abordado por (Ferreira, 2018)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE ITACOATIARA – CESIT
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

dado que o ato de recordar e contar histórias dentro de um ambiente educacional é um processo que confere significado ao aprendizado dos sujeitos, vivificando-os e contribuindo diretamente para a constituição de suas identidades, conectando o saber formal ao saber de vida.

Bosi (1979) em seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, confirma que,

à memória é um processo dinâmico e vital, envolve reinterpretações, ressignificações e a construção da identidade ao longo da vida, que permite aos indivíduos, especialmente aos mais velhos, revisitar suas histórias de vida e refletir sobre o tempo e a trajetória que percorreram. (Bosi, 1979, p.19)

Ou seja, na perspectiva da autora, a memória dos mais velhos, ao ser integrada ao ensino, oferece uma visão histórica única e de pertencimento, proporcionando aos estudantes a oportunidade de aprender com o passado de forma viva e participativa.

Foi compreendendo isso, que o projeto de ação pedagógico desenvolvido no estágio I contemplou histórias orais de vida dos estudantes com base nas experiências de cada colaborador que relatou suas narrativas oralmente, com destaque ao aluno Sebastião Batista França, de 75 anos, aluno da terceira fase da EJA da Escola Maria Nira. Consideramos os conceitos de Ensino da História dialogando com os conceitos de História de Vida⁴, Memória e Identidade na perspectiva desse aluno que se reconhece como um sujeito social a partir de sua história de vida e sua vivência na experiência de retomar os estudos.

Esse momento foi divisor de águas para a temática aqui proposta, bem como toda vivência docente marcada no âmbito do exercício do Estágio I, se tornando um norte para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) devido aos questionamentos que a priori surgiram nesse processo de experiência. Sendo estes: como os alunos da Escola Maria Nira, sendo sujeitos idosos, perceberam o Ensino de História? O que esperamos alcançar com o ensino de História para esse público? E finalmente, o que interessa para a formação histórica destes estudantes que já acumularam experiências de vida, social, cultural e profissional?

Portanto, o trabalho tem como objetivo geral compreender o papel do ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Maria Nira, com base nas experiências dos alunos idosos e de seu retorno à sala de aula. Os objetivos específicos são: destacar a importância da disciplina de História na construção da identidade e da memória coletiva dos alunos da EJA na Escola Maria Nira; analisar as percepções desses alunos sobre o ensino de

⁴ História de vida. (Meihy, Holanda, 2015. p.34) “a história oral de vida se espalha nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções”.

História e o impacto desse aprendizado em suas experiências de vida; e explorar as motivações e desafios enfrentados pelos alunos idosos ao retornarem à escola, com foco em suas experiências na EJA.

Para subsidiar este estudo, utiliza-se como fonte documental o relatório de estágio da autora e adota-se como metodologia a pesquisa qualitativa. O método de pesquisa bibliográfica dialoga com autores como Bosi (1979), Fonseca (2003), Bittencourt (2008), Farias (2021) e outros que exploram a temática.

2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: BREVE CONTEXTO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) faz parte da Educação Básica brasileira, como uma de suas modalidades. O direito à educação de jovens, adultos e idosos acompanha, desta forma, o disposto nos artigos 206 e 208 da Constituição Federal e o artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Princípios como qualidade da educação, pluralidade e flexibilidade do acesso, permanência e conclusão do percurso de escolarização, as especificidades das histórias de vida e desafios em relação ao mundo do trabalho e a diversidade da oferta educacional estão nas bases da concepção da EJA.

A EJA surgiu nas primeiras décadas do século XX, sendo formalmente estruturada a partir da década de 1940, se transformando em uma questão de política nacional. Isso ocorreu devido ao Plano Nacional de Educação, orçado pela Constituição Brasileira de 1934, que possuía, em suas cláusulas, que o ensino primário integral e gratuito e de frequência obrigatória precisaria se estender às pessoas adultas (Oliveira, 2011).

A partir da década de 1980, após o fim da ditadura militar e com a redemocratização do ensino no país, a EJA ganhou novo impulso. A Constituição de 1988 assegurou o direito à educação para todos os cidadãos, incluindo jovens e adultos que não concluíram a educação básica. Nessa perspectiva com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, a LDB (Lei 9.394/96) representou um marco legal importante, pois oficializou a EJA em território nacional como modalidade da educação básica, estabelecendo que o poder público deve assegurar o acesso de jovens e adultos e idosos que não concluíram a educação regular, visando a oferta de programas que atendam suas necessidades.

2.1 A EJA EM ITACOATIARA – AM

A Educação de Jovens e Adultos em Itacoatiara se oficializou em 1990, em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, que ampliou o conceito de educação para abranger a formação de jovens e adultos. Contudo, os primeiros passos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Itacoatiara, Amazonas, surgiram de forma espontânea e independente, movidos pela iniciativa de professores comprometidos com a alfabetização de cidadãos que não tiveram acesso à educação formal.

Conforme relatado pela atual coordenadora da EJA no município, Josemara Pinheiro Sonier Barros, a iniciativa não começou a partir de um programa governamental estruturado, mas “de ações isoladas de alguns professores que, em seu tempo livre, iam de casa em casa atrás de possíveis alunos, oferecendo a oportunidade de aprender a ler e escrever”. (Barros, Josemara, 2023).

Esses professores, movidos por um senso de responsabilidade social, organizavam as primeiras turmas em suas próprias residências ou em espaços informais. Reuniam grupos pequenos de pessoas em situação de analfabetismo, que viam nessa oportunidade uma chance de superar barreiras e melhorar suas condições de vida. Esse modelo informal de ensino reflete o espírito de solidariedade e o compromisso com a transformação social, tão presente na EJA em seus primórdios, sendo os próprios professores os grandes mobilizadores da educação.

Esse contexto inicial da EJA em Itacoatiara se alinha ao que Gadotti (2005) descreve como "educação popular", uma prática educativa que nasce das necessidades da comunidade e se constrói a partir da própria realidade local. Sem suporte ou estrutura oficial, esses educadores realizavam seu trabalho de forma improvisada, mas com muita dedicação, buscando nas próprias casas o espaço para acolher seus alunos e, muitas vezes, fornecendo o material de ensino de forma voluntária.

Araujo (2008), destaca que a implantação da EJA em Itacoatiara, foi por volta dos anos 2000. Oferecida de forma estruturada principalmente por meio de um programa de telecurso, realizado em parceria com ONGs, como o SESI e o SENAI. À princípio, segundo ela, esse modelo não estava diretamente sob a responsabilidade dos órgãos educacionais municipais, mas se baseava em parcerias com entidades que viabilizavam a oferta do ensino. Nesse cenário,

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE ITACOATIARA – CESIT
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

o papel do município era mais de apoio e facilitação do que de gestão direta da EJA, sendo o projeto uma colaboração entre as entidades privadas e a comunidade local.

Atualmente, no município de Itacoatira, a modalidade de Educação de Jovens e Adultos está sendo ofertada nas escolas públicas das redes municipal e Estadual de ensino, através das secretárias de educação do município e do Estado, a SEMED e SEDUC⁵, contudo de forma reduzida.

Na Escola Maria Nira, a modalidade EJA encerrou suas atividades no início do ano de 2024. Essa decisão, motivada pela defasagem dos alunos, a falta de professores e a carência de investimentos do setor público, ilustra a complexidade das barreiras que limitam o acesso e a permanência dos estudantes adultos na escola.

Logo, a descontinuidade da EJA na Escola Maria Nira pode ser interpretada como uma desvalorização dessa modalidade de ensino no município. A pluralidade de locais que oferecem a EJA é essencial para garantir o acesso igualitário à educação. Quando essa oferta é reduzida, existe o risco de reforçar a exclusão educacional, comprometendo os esforços para ampliar a escolarização da população adulta.

2.3 O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O Ensino de História, conforme dispostos em algumas propostas curriculares dos Estados e Municípios e nos PCN's, está presente em todos os níveis de Ensino, constitui uma das bases essenciais do conhecimento das Ciências Humanas a partir das séries iniciais até o término do ensino básico. (Bittencourt, 2018). Na atualidade, tem como um dos seus objetivos centrais a constituição da identidade.

A formação da identidade, nesse contexto, não é um processo isolado, mas está profundamente associada à construção da cidadania, pois envolve a compreensão dos direitos e deveres individuais e coletivo ao levar em conta finalidades educacionais mais amplas, como o caso da EJA. Pois, a História, nesse âmbito, ensina ter respeito pela diferença, contribuindo para o entendimento do mundo em que vivemos e do mundo em que gostaríamos de viver (Fonseca, 2003, p. 40). Logo, o ensino de História na Educação de Jovens e Adultos é privilegiado para que os alunos aprendam maneiras de pensar sobre o passado, o presente e o futuro com suas vivências como seres temporais.

⁵ 3 SEDUC (Secretaria de Estado de Educação e Desporto)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE ITACOATIARA – CESIT
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

A professora Circe Bittencourt (2004, p. 20) argumenta que,

O ensino de História contribui para libertar o indivíduo do tempo presente e da imobilidade diante dos acontecimentos, para que possa entender que cidadania não se constitui em direitos concedidos pelo poder instituído, mas tem sido obtida em lutas constantes e em suas diversas dimensões.

No campo do ensino, Fonseca (2003) explica que,

A História tem como papel central a formação da consciência histórica dos sujeitos, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e a praxe individual e coletiva, ao passo que o Ensino da História permite aos estudantes não apenas entender o passado, mas também refletir criticamente sobre o presente e suas próprias identidades, suas experiências e trajetórias. (Fonseca, 2003, p.89)

Ambas as autoras convergem na ideia de que o ensino de História fomenta uma educação emancipadora, capaz de formar cidadãos críticos e ativos, no qual a História no âmbito escolar se torna não apenas uma disciplina escolar, mas uma ferramenta poderosa de empoderamento social e de transformação da realidade dos estudantes, pilares esses fundamentais na Educação de Jovens e Adultos.

Fonseca (2003) analisa que, ao integrar as experiências e os saberes dos alunos da EJA, o ensino de História pode contribuir para uma compreensão mais profunda de suas posições na sociedade, para o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica e para o fortalecimento da identidade e da cidadania.

Nesse panorama, a modalidade de Educação de Jovens e Adultos, em conformidade com o ensino de História, cria um campo educacional promissor e formativo. Esse processo fortalece identidades, resgata memórias e promove a valorização das vivências dos alunos, especialmente em uma turma com faixa etária elevada, contribuindo, assim, para a construção de uma educação inclusiva e significativa.

3 RELATO DE EXPERIENCIA : PROFESSORA EM FORMAÇÃO E O ENSINO DE HISTÓRIA

O Estudo aqui apresentado é produto da experiência do estágio supervisionado em História I, do Curso Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara da Universidade do Estado do Amazonas (CESIT- UEA). Desenvolvido na Escola Municipal Professora Maria Nira Guimarães entre os dias 9 de agosto a 13 de setembro de 2023 com

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE ITACOATIARA – CESIT
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

alunos de idades avançadas, do ensino fundamental II, da Educação de Jovens e Adultos, no turno noturno.

3.1 A Escola

Figura1 – Frente da Escola Maria Nira (2024)



Fonte: Acervo da Autora (2024)

A Escola Municipal Professora Maria Nira Guimarães está situada na Avenida Mário Andreazza, nº 2865, no bairro de São Francisco, na zona urbana do Município de Itacoatiara – Amazonas, com CEP: 69101-416. Tem o código INEP: 13059670. A Escola oferece como modalidade de educação o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) nos turnos diurno e noturno. À noite é direcionada para turmas EJA, no qual o Ensino Fundamental II é proporcionado através de fases. A primeira fase contempla os 6º e 7º anos, e a segunda fase direcionou-se aos 8º e 9º anos.

3.2 Os alunos

As turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na instituição caracterizavam-se por sua composição coletiva e mista, englobando alunos de diferentes faixas etárias, com uma presença expressiva de idosos de ambos os sexos. Estes estudantes mais velhos participavam ativamente das aulas presenciais, interagindo com colegas mais novos, em um ambiente de aprendizagem marcado pela diversidade geracional.

Figura2 – Alunos da Escola Maria Nira, da EJA noturno (2023).



Fonte: Acervo da Autora (2023)

3.3 Experiência Docente

Na experiência docente, como professora em formação, a vivência no Estágio Supervisionado I em História, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), possibilitou-me compreender a dinâmica de aprendizagem nas salas de aula e a prática do ensino de História, especialmente no processo de ensino-aprendizagem de alunos idosos.

Pude observar o envolvimento direto desses estudantes, suas emoções e seus interesses pela disciplina ministrada. As experiências de vida que compartilharam, seus relatos durante as aulas e sua participação nas atividades escolares suscitaram uma reflexão profunda sobre a importância de trabalhar a perspectiva desses sujeitos a partir do ensino de História.

Essa oportunidade surgiu no sétimo período do curso, durante a disciplina de Estágio Supervisionado I, ministrada pelos professores Me. Diego Omar e Me. Pedro Marcos Mansour Andes, que nos incentivaram a desenvolver um plano pedagógico para as turmas do estágio. Conseqüentemente, consideramos o ensino de História para alunos da Educação de Jovens e adultos na qual deve subsidiar o aluno quanto a condição de conhecer a sua história e do seu lugar, sendo capaz de fazer uma reflexão crítica a respeito dessa história. (Farias, 2021)

Portanto, seguimos a premissa que:

Deve-se pensar nas possibilidades educativas da História, esta como saber disciplinar que tem um papel fundamental na formação histórica do homem,

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE ITACOATIARA – CESIT
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

do sujeito de uma sociedade marcada por diferenças e desigualdades múltiplas, no universo de suas realidades (Fonseca, 2003, p. 39).

Nessa direção, nos pautamos na ideia de Farias (2021) de que

Uma forma de oferecer um ensino de História próximo à realidade do aluno é por meio da memória individual e coletiva, permitindo dar voz aos seres comuns. Nesse processo, a memória é entendida como uma ferramenta importante na construção da identidade, já que confere sentido às vivências (Farias, 2021, p. 37).

Bosi (1979) destaca que, a memória é um processo dinâmico e essencial para a construção da identidade, especialmente para os idosos, que, ao revisitar suas vivências, reinterpretam sua trajetória. Esse processo torna o aprendizado significativo, pois conecta o saber acadêmico às experiências de vida dos alunos.

Dessa forma, tivemos a oportunidade de aplicar esse plano por meio de um projeto pedagógico voltado para a EJA, onde exploramos os conceitos de História Oral e Memória, desenvolvidos em sala de aula na UEA. O projeto, intitulado “Oficina de História: Trabalhando o Conceito de História Oral e Memória no Ensino da EJA”, buscou aproximar o ensino de História das vivências pessoais dos alunos, utilizando suas memórias como ponto de partida para a construção do conhecimento histórico. Haja vista que, “os saberes históricos, os valores culturais e políticos são transmitidos na escola a sujeitos que trazem consigo um conjunto de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos em outros espaços”. (Fonseca, 2003, p. 37)

O projeto foi implementado com a colaboração e participação de alguns alunos da 4ª Fase (8º e 9º anos) da turma "A," do turno noturno, em dois momentos distintos, organizados conforme as necessidades pedagógicas da turma e os objetivos de cada atividade. Com os alunos participantes foi realizado uma entrevista semiestruturada, que consistiu em uma gravação de vídeo, onde eles responderam perguntas cujo teor está relacionado a suas perspectivas em relação ao Ensino, suas vivências, sonhos e desafios educacionais.

Destaco que optamos por uma entrevista semiestruturada por esta ser uma técnica de coleta de dados que combina perguntas previamente definidas com a flexibilidade para o entrevistador explorar respostas e aprofundar temas que surgem durante a conversa. “A entrevista semiestruturada permite ao pesquisador explorar temas de interesse, ao mesmo tempo

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE ITACOATIARA – CESIT
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

em que abre espaço para que o entrevistado expresse opiniões e pontos de vista pessoais, tornando a coleta de dados mais rica e significativa” (Minayo, 2009, p. 57).

Minayo (2009) explica que esse formato, há um roteiro básico com questões centrais que direcionam a entrevista, mas o entrevistador tem liberdade para adaptar a sequência das perguntas, reformulá-las ou acrescentar novas questões conforme o desenrolar da interação. Desse modo, procuramos entender como os(as) alunos(as) da Educação de Jovens e Adultos conceberam a História, por meio de suas narrativas, e como relacionam as histórias de suas vidas cotidianas com o Ensino de História.

Assim, o projeto de ação pedagógica integrou histórias orais de vida dos estudantes, explorando as experiências pessoais de cada colaborador, que compartilharam suas narrativas de forma oral. Eles relataram como a oportunidade de estudar História permitiu-lhes reavaliar suas próprias trajetórias e conectar suas vivências a um contexto mais amplo. Esse reencontro com a educação estimulou neles um sentimento de pertencimento e valorização, ajudando-os a se reconhecerem como sujeitos históricos e ativos na sociedade.

Nesse processo, destacou-se a narrativa do colaborador⁶ Sebastião Batista França, 75 anos, aluno da terceira fase da EJA na Escola Maria Nira.

Figura3 – Aluno da Escola Maria Nira



Fonte: Acervo da Autora (2023)

⁶ De acordo com o manual de História Oral, Meihy, salienta que o termo “colaborador” deve substituir “depoente” ou “informante”, pois, o entrevistado assume um papel que vai além de mero fornecedor de informações ou objeto de estudo. Meihy (2005, p. 124-125)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE ITACOATIARA – CESIT
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Ao refletir sobre sua experiência, ele compartilhou:

A educação é importante na minha vida. Sinto que ainda tenho muito para aprender e viver. Aprendo muito aqui. Gosto. Me sinto vivo. Vou terminar e ainda vou para a faculdade. Voltei a estudar porque sempre tive essa vontade, mas antes não tinha tempo nem oportunidade. Trabalhei muito na roça e depois, já na cidade, sempre tinha que escolher entre colocar comida na mesa ou ir pra escola. Hoje, na EJA, vejo a importância de aprender as coisas, de entender o que aconteceu antes da gente, o que faz a gente ser quem é. Eu me sinto valorizado aqui, sabe? Cada aula me dá um orgulho, porque vejo que posso aprender, mesmo com a idade que tenho. (França, Sebastião, 2023)

Nesse panorama, Farias (2021) reflete que, o Ensino de História para alunos da Educação de Jovens e Adultos contribui para que o aluno conheça sua própria história e a de seu contexto, capacitando-o a refletir criticamente sobre essa trajetória. Podemos perceber, baseado na narrativa do sr. Sebastião Batista, o impacto positivo do ensino de História no fortalecimento da sua autoestima e o encorajamento para continuar aprendendo, além de reforçar seu desejo de aprofundar o conhecimento sobre sua própria história e o mundo ao seu redor, ao passo que vemos o papel significativo do ensino de História ao “libertar indivíduo do tempo presente e da imobilidade diante dos acontecimentos, fortalecendo seu senso de cidadania e de vivacidade” (Bittencourt, 2008, p. 20)

Os alunos relataram que, ao estudar temas históricos, passaram a compreender melhor os direitos e deveres de cada cidadão, sentindo-se mais preparados para participar ativamente em questões sociais e comunitárias. Esse aprendizado se alinha ao **conceito freiriano de educação**⁷ como ato político, no qual a conscientização e o desenvolvimento da capacidade crítica são fortalecidos. Nesse cenário, Fonseca (2003) nos mostra que os sujeitos constroem seus saberes permanentemente, no decorrer de suas vidas, não estão mórbidos, e muitos menos apáticos só por causa da idade. Logo,

Ninguém é velho só porque nasceu há muito tempo ou jovem porque nasceu há pouco. Além disso, somos velhos ou moços muito mais em função de como pensamos o mundo, da disponibilidade com que nos damos, curiosos, ao saber, cuja procura jamais nos cansa e cujo achado jamais nos deixa satisfeitos

⁷ Para Freire (1987), a educação é intrinsecamente um ato político que deve promover a conscientização e a autonomia dos indivíduos, reconhecendo-os como sujeitos ativos e capazes de transformar suas próprias realidades. No contexto da EJA, essa perspectiva é particularmente relevante, pois os alunos trazem uma bagagem de vida rica e variada, cuja valorização contribui para o fortalecimento da identidade e da cidadania. Ao estudar História, esses alunos passam a entender os processos sociais e históricos que influenciam suas vidas, ganhando uma visão crítica que, segundo Freire, é essencial para o exercício pleno da cidadania.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE ITACOATIARA – CESIT
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

e imobilizados. Somos moços ou velhos muito mais em função da vivacidade, da esperança com que estamos sempre prontos a começar tudo de novo, se o que fizemos continua a encarnar sonho. Sonho eticamente válido e politicamente necessário. Somos velhos ou moços muito mais em função de se nos inclinarmos ou não a aceitar a mudança como sinal de vida e não a paralisação como sinal de morte. (Freire, 1996, p. 70)

Esse pensamento de Freire (1996), nos mostra que as memórias e trajetórias de vida dos idosos, podem sinalizar um caminho possível, para uma educação que dê sentido às suas necessidades, desvelando as suas razões de estarem na escola nessa fase da vida. Também como uma correção, redenção do passado opressor, libertando a si mesmos e a aqueles que negaram a sua vocação de ser mais, por intermédio de uma escolaridade negada.

O aluno Sebastião compartilhou suas impressões, dizendo:

Antes, eu achava que estudar era só pros jovens. Fico em casa contando as horas para vir pra a escola, mesmo morando longe. Voltar a estudar me fez ver que nunca é tarde para aprender e ensinar. Tenho muitas dificuldades de escrever e de entender alguns textos, sabe? Mas eu me esforço, e a professora tem muita paciência, sempre me ajuda, e os colegas também. As aulas de História são as melhores, é muito interessante. Como o mundo mudou né? Meus netos me perguntam coisas, e hoje posso responder com orgulho. Aprendi que entender o passado ajuda a gente a dar valor ao presente e a pensar melhor no futuro. A História me ajudou a perceber que minha vida e minhas memórias têm valor. (França, Sebastião, 2023)

Nesse aspecto, as narrativas do sr. Sebastião simbolizam o potencial do Ensino, considerando a História como fator de transformação, enquanto transforma vidas e reaviva sonhos reforça o papel do sujeito idoso como participante ativo no desenvolvimento da sociedade. Em contrapartida, também vemos, que embora motivados a participar das aulas, os alunos idosos enfrentaram desafios específicos, como dificuldades relacionadas à leitura e escrita e à adaptação ao ambiente escolar.

Todavia, esses desafios foram amenizados pelo desenvolvimento de estratégias pedagógicas inclusivas e pela utilização de métodos que valorizavam a oralidade e o compartilhamento de histórias pessoais em sala de aula. Pois, é válido que

a sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa. (Bittencourt, 2003, p. 57)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE ITACOATIARA – CESIT
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Portanto, baseado no relato do aluno Sebastião, vimos que educação histórica lhe proporcionou um olhar renovado sobre seu papel na sociedade. Suas experiências ao retornar à sala de aula revelou uma forte relação entre o processo educativo e a reafirmação de identidade pessoal e social.

4 MATERIAIS E MÉTODOS / PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo apresentado investiga o Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente na perspectiva de alunos idosos, retornando à sala de aula. Com base na experiência prática do estágio supervisionado em História I, realizado no Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara (CESIT) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o estudo foi desenvolvido com alunos da EJA, de 60 a 75 anos, na Escola Municipal Professora Maria Nira Guimarães. O método de pesquisa utilizado combina a abordagem qualitativa com os procedimentos da pesquisa bibliográfica e documental.

A escolha da pesquisa qualitativa justifica-se pela natureza do objeto de estudo: a experiência dos alunos idosos no Ensino de História, sua perspectiva sobre o retorno à sala de aula e os significados atribuídos a essa vivência. Como observa Minayo (2009, p. 22), a pesquisa qualitativa é fundamental quando o objetivo é compreender "o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes" dos sujeitos envolvidos. Essa abordagem permite uma análise profunda das percepções e subjetividades desses alunos, possibilitando que o estudo não apenas observe comportamentos, mas compreenda suas motivações e o valor que eles atribuem ao aprendizado de História.

A pesquisa bibliográfica constitui a base teórica do estudo. Ela envolveu a análise e o levantamento de teorias e trabalhos científicos já desenvolvidos sobre a EJA, o Ensino de História e as especificidades do ensino para o público idoso. A pesquisa bibliográfica nos permitiu que o estudo se apoie em autores como Bosi (1979), que explora a relação entre memória e envelhecimento, e Fonseca (2003), que discute as práticas e metodologias no ensino de História.

A pesquisa documental complementa a abordagem qualitativa e a bibliográfica ao incluir o relatório de estágio da autora como fonte primária de dados. Este documento fornece um registro detalhado das atividades realizadas durante o estágio, das interações com os alunos e das observações feitas em sala de aula. A pesquisa documental permite que se tenha uma visão contextualizada da experiência, além de fornecer evidências concretas sobre a prática

pedagógica adotada. Dado que, os registros de estágio funcionaram como documentos históricos, que, segundo Cellard (2008, p. 47), são fundamentais para "interpretar a realidade a partir de sua materialidade, contextualizando o tempo e o espaço em que foram produzidos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo permitiu analisar as experiências e percepções de alunos idosos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da referida instituição, com foco na importância do ensino de História para esse público. Os resultados reforçam a relevância da disciplina para o desenvolvimento da identidade e memória, evidenciando como o retorno à sala de aula possibilita a esses alunos um reencontro com suas próprias histórias e com o contexto histórico mais amplo. Dado que, através de atividades que incentivam o compartilhamento de memórias, como entrevistas e relatos orais, foi possível integrar as vivências dos estudantes ao conteúdo histórico, o que fortaleceu o vínculo entre o saber escolar e suas experiências pessoais. Os estudantes relataram sentir-se mais valorizados e respeitados ao perceberem que suas histórias contribuem para a formação coletiva, o que reforça o papel da memória individual no desenvolvimento da memória social, como discutido por autores como Bosi (1979) e Meihy (2005).

A percepção dos alunos sobre o ensino de História mostrou-se altamente positiva, especialmente ao considerarem que a disciplina possibilita um entendimento mais profundo de seu papel na sociedade. Além disso, identificamos diversas motivações e desafios enfrentados pelos alunos idosos ao retornarem à escola. Entre as motivações, destacou-se o desejo de completar a formação básica, muitas vezes interrompida por razões sociais e econômicas, e a valorização pessoal e social proporcionada pelo conhecimento. Quanto aos desafios, os alunos mencionaram a dificuldade inicial em adaptar-se ao ambiente escolar após anos afastados.

O impacto do ensino de História na EJA revelou-se transformador para esses alunos, que passaram a compreender suas vivências e narrativas como parte integrante do processo histórico, valorizando-se como cidadãos com uma rica trajetória social e cultural. Como destacado por Bittencourt (2004), a História permite a compreensão de que a cidadania e os direitos são construídos em uma trajetória de lutas, o que foi reforçado pelo entendimento desses alunos de que são participantes ativos na história da comunidade em que vivem, propiciando uma visão crítica e empoderadora sobre seu papel na sociedade.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE ITACOATIARA – CESIT
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Portanto, os resultados indicam que o ensino de História na EJA na Escola Maria Nira não é apenas uma ferramenta de aprendizado, mas um processo de fortalecimento identitário e valorização das memórias e experiências dos alunos. A integração entre as narrativas pessoais e o conteúdo escolar demonstrou que a disciplina de História na EJA desempenha um papel emancipador e transformador, capacitando os alunos a refletirem criticamente sobre suas próprias vidas e a reconhecerem-se como sujeitos históricos e sociais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação no contexto da EJA (Educação de Jovens e Adultos) proporcionou a oportunidade de implementar estratégias diferenciadas de ensino. Possibilitou uma conexão mais direta com as vivências e histórias dos estudantes, promovendo um ensino mais significativo e participativo. Além disso, proporcionou-me significativas contribuições para o saber acadêmico, bem como para meu desenvolvimento enquanto professora em formação, sendo uma possibilidade de amadurecimento tanto pessoal, quanto profissional.

Vimos os alunos a explorarem suas próprias memórias e histórias de vida, ao mesmo tempo que compreenderam conceitos históricos importantes, como a História Oral e a relevância da memória, fortaleceram o vínculo entre o conteúdo acadêmico e a experiência pessoal, algo crucial para a EJA, onde muitos estudantes trazem ricas trajetórias de vida que podem ser integradas ao processo educativo.

No entanto, a decisão de descontinuar essa modalidade na Escola Maria Nira, em Itacoatiara em 2024, suscita reflexões importantes sobre os impactos dessa medida para a educação no município. É crucial que as políticas educacionais de Itacoatiara priorizem e invistam em estratégias que contemplem a modalidade EJA. Essa situação reforça a necessidade de um diálogo mais amplo entre gestores, educadores e a comunidade para que as mudanças no sistema educacional atendam às demandas locais e promovam, de fato, o direito universal à educação.

7 FONTES ORAIS

Sebastião Batista França, 75 anos, aluno da terceira fase da EJA da Escola Maria Nira. Entrevista realizada no dia 31 de agosto de 2023.

Josemara Pinheiro Sonier Barros, 45 anos, coordenadora municipal da EJA em Itacoatiara, AM. Entrevista realizada em 20 de agosto de 2024.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ester Figueiredo. **O fazer Pedagógico do Professor na Formação do Jovem Adulto Trabalhador**. Manaus: Am Medina Comercio e Serviços, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. Brasília: Editora MS, 2003.

BRASIL. Decreto nº 1948/96. **Política Nacional do Idoso**. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1948.htm. Acesso em: 02 nov. 2024

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social**/ São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**, São Paulo. Editora: T.A. Queiroz, 1979.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Line; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Réjean; PIRES, Álvaro. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de História e Consciência Histórica**. Campinas: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular na escola cidadã**. 6. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2005.

MARTINS, Iza Paula Lima. **Relatório de estágio I**. Curso de Licenciatura em História mediado por Tecnologia, Universidade Estado do Amazonas, Itacoatiara, Am, 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª Ed. Loyola. São Paulo. Fevereiro, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

OLIVEIRA, Maria Rita. **Educação de Jovens e Adultos: uma perspectiva histórica e contemporânea**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

ANEXOS

CARTA DE CESSÃO

Itacoatiara, 20 de agosto de 2024.

Destinatário,

Eu, Jeane Pinheiro Jamir Santos, portador do RG nº 1752870-4, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em 20/08/2024 para Sza Paula Lima Martins usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta carta de cessão, subscrevo a presente.

Jeane Pinheiro Jamir Santos
Assinatura do Depoente